

DIZERES DO TERREIRO AO BABALORIXÁ AJALÁ DERÉ

Marialda
Silveira¹
(Olôguni) Jovita

Bom dia a todos e a todas presentes a esta Festa. Peço *agô* aos meus *mais-velhos*, cumprimento autoridades religiosas, civis e universitárias. Saúdo aos professores, pesquisadores, gente do santo, artistas, poetas, escritores e amigos desta Casa.

[1] Profesora do Departamento de Letras e Artes – DLA, Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Baianos- Regionais – Kâwé. *E-mail*: <marialdasilveira@yahoo.es>.



Foto 98: acervo Kãwê

Permita-me Katulembá Ajalá Deré, dirigir-me a você na condição de Babalorixá, para falar de sua pessoa e daquilo que constrói as nossas representações sobre os seus saberes e os seus fazeres. Mas, permita-me, igualmen-

te, falar sobre um certo babalorixá, aquele agora indeterminado, sem-nome e sem-lugar, que professa a sua fé e canta os seus santos em algum rincão escondido perto ou longínquo de nós. Um, assumindo lugares, conquista es-

paços e constrói outros substantivos amalgamados ao seu fazer. Professor, poeta, contista, pesquisador. Este é você. O outro, é aquele que sem rosto, sem substantivos e sem positivas adjectivações, exerce a sua condição

apenas dentro dos quintais que guardam os seus deuses, seus segredos e a sua crença. Entretanto, os dois, no meu entendimento, inscrevem em nossa sociedade uma *apropriação transgressora*, a de ser babalorixá, a de assumir a religião dos pobres e não coincidentemente de negros; a de reunir desapropriados dos bens culturais considerados legítimos; a de aglutinar os recortados da geografia dos bens materiais, ou apenas operar a transgressão de constituir família com os que ainda acreditam que santo come, mineral é vivo e que folha fala.

Entendo que a sociedade outorga dois movimentos para essa *apropriação transgressora* de ser babalorixá: a que concede a você, Ruy do Carmo Póvoas, uma legitimidade da sua prática religiosa e a outra, aquela que desautoriza o *pai de santo* sem-nome e sem-rosto, tornando-o bruxo, malfazejo e feiticeiro. Quer dizer, a sua condição de homem de muitos lugares e de muitos atributos, relativiza aquilo que está absolutizado no outro babalorixá. O que é esta casa cheia senão o reconhecimento dessa legitimidade autorizada? O que é essa casa cheia senão a relativização dos atributos do sem-nome, agora encobertos por sua condição de

intelectual, homem da palavra e mágico dos discursos?

Eu gostaria de hoje, entretanto, não cantar essa relativização posta em você, mas lhe amalgamar ao babalorixá sem-nome, e lhe igualar à condição de bruxo e feiticeiro.

Aqui eu falo do lugar que

**Muito obrigada por
habitar o que somos e
nos presentear com a
sua existência. Neste
dia de 70 anos, neste
espaço sagrado, nesta
Casa do branco, neste
Ilê da Paz. Okolofé**

ocupo como sua filha e filha de santo, a *Iyá Ologbohun* desta Casa e pessoa que se inseriu e vive o cotidiano do *Ilê Axé Ijexá Orixá Olufon*. Para nós, povo de santo, filhos seus, moradores dessa Casa, ser bruxo e ser feiticeiro é sua condição por excelência para ser pessoa e para ser babalorixá. Essa definição, naturalmente, os verbetes de dicionários não trazem.

Você para nós é bruxo sim, porque compreende os destinos, interpreta os caminhos, engana os desenganos, exorciza as desalegrias, dá grandeza ao espaço da paz, potencializa a inteireza da fé, ritualiza a existência. É feiticeiro porque estando no lugar de quem não escolheu, deu número à família, aceitou ser médico ferido – aquele que precisou passar pela experiência da dor para poder tratá-la. É feiticeiro porque luta para afastar as doenças do corpo e da alma, busca integrar a sombra à luz, sabe o segredo das plantas e dos bichos, desafia os destinos, empresta os ouvidos, aceita a ignorância. Você é bruxo e feiticeiro porque zela pela ancestralidade, cuida dos filhos sem esquecer as mães, suas Marias, a do Carmo e a de Nazaré, a sua Mariinha da Natividade. É feiticeiro e bruxo porque exerce em si a disciplina extremada, consegue o gesto mais preciso no ritual, guarda a tradição sem desconhecer as suas reelaborações, cuida da palavra sem esquecer o silêncio, admira Santo Antonio porque ele faz parte de seus guardados preciosos, narra os mitos nagôs, sem deixar de ficar admirado com as vozes das Escrituras Sagradas.

Quando você exerce
a sua condição de
babalorixá, dá nome
ao babalorixá sem-
nome, dá identidade
ao sem-rosto, traduz a
fala silenciosa dos que
estão no sacerdócio
da periferia, nas
zonas sombrias das
cidades, nas roças e
nos esconderijos que
lhe foram concedidos
como único lugar
de professar a fé, a
louvação aos ancestrais
e aos seus deuses de
"contrabando", para
usar um termo de
Augras

Você também é bruxo e igualmente feiticeiro, quando a palavra impetuosa, não permite réplicas, mas também não evoca mágoas. É bruxo e feiticeiro quando é abelha que dispara o ferrão nos que mexem com os seus filhos. Você é feiticeiro quando vive a África sem nela sonhar pisar. Canta a universalidade de sua aldeia sem desejar ir à Europa. Entende o seu filho doutor e fica extasiado com a sua filha que não frequentou a escola.

São essas bruxarias e feitiçarias que certamente fazem você reconhecer que Itabuna lhe deu morada. Mas, se Itabuna lhe deu acolhida, lhe deu amigos e família, como você costuma reiterar agradecido, você também lançou sobre ela, a sua cidade adotiva, uma luta incessante contra o preconceito de toda ordem. Contribuiu para tirar o candomblé do espaço da invisibilidade e da folclorização, deu, portanto, às pessoas em geral a possibilidade de viverem a sua humanidade. Apresenta-lhes com o seu trabalho um caminho para reconhecerem a sua alteridade.

Há coisas ainda que, ao meu ver, permitiriam aproximar o babalorixá Ruy Póvoas àquele outro sem-rosto e sem-nome. Independente de assumir-

-se poeta ou contista, intelectual ou pesquisador, você divide com ele igual paradigma, crenças comuns. A de professar a liturgia que, longe de inspirar dor ou sacrifício, exalta e reveste o espaço de cor, som e movimento. A de ser íntimo dos encantados, sem ultrapassar os limites e as fronteiras da força divina; a de acreditar na divinização do homem e na humanização das divindades, pois nós não nos tornamos santos; já somos divinos, buscando integrar a sombra aos caminhos da luz, sem recalques e sem negação.

Vocês dois, Ajalá Deré e o babalorixá sem-nome, reparem, antes que essas coisas virassem moda na academia, a crença na natureza multifacetária da identidade. Vocês acreditam que aqui somos uma epifania de *eus*, em que se busca, na expressão de Maffesoli,² uma pluralização da pessoa, um excedente do ser. Vocês sabem que o papel do duplo, daquilo que chamamos orixás em nós e donos das nossas cabeças, são expressões das nossas possibili-

[2] MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Trad. De Berta H Gurovitz. Petrópolis: Vozes, 1996. p 315.

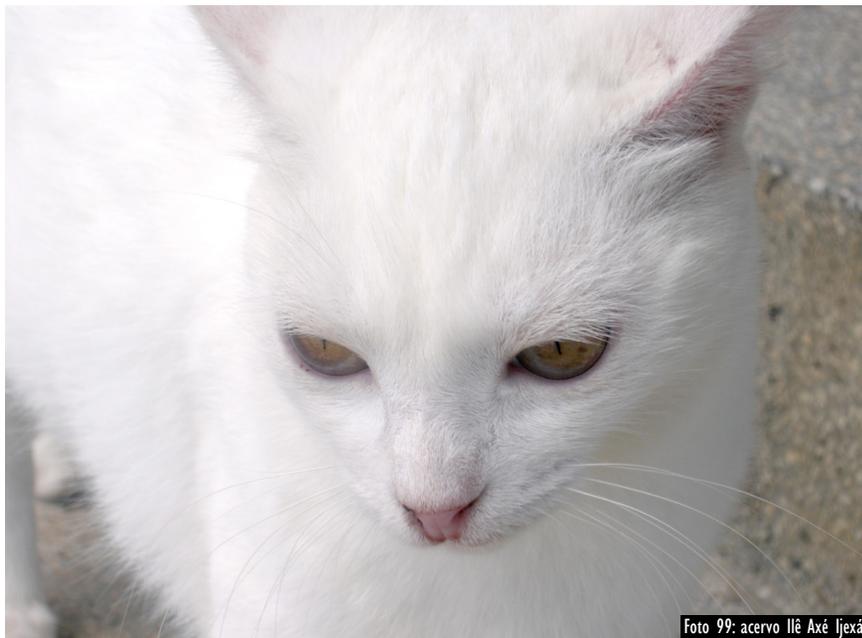


Foto 99: acervo Ilê Axé Ijexá

dades de sermos múltiplos e ao mesmo tempo únicos em nossa complexidade.

Em ambos, você e o outro sacerdote, a vontade presente da comunidade sonhada, aquela sobre a qual Bauman³ declara: *“uma comunidade em que se tropeçarmos e cairmos, os outros nos*

ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar a nossa falta de jeito e alegrar-se com a nossa desgraça”. Uma comunidade em que *“se dermos um mau passo, ainda podemos dar explicações e pedir desculpas, arrepender-se se necessário; uma comunidade em que “as*



Foto 100: acervo Ilê Axé Ijexá

peças ouvirão com simpatia e nos perdoarão, de modo que ninguém fique ressentido para sempre [...]”. Um espaço em que se *“passarmos por momentos difíceis e por necessidades sérias, as pessoas não nos pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão.”* E raramente, *dirão que não é o seu dever ajudar-nos nem recusarão o apoio só porque não há um contrato entre nós que as obrigue a fazê-lo.”* Enfim, uma comunidade em que respeitamos, em lugar de tolerar.

Por isso mesmo, ambos, você e o outro babalorixá, são impelidos a perseguir uma cotidianidade sob a égide da ética, esta construída longe da vigilância de um papado ou de um poder central. A ética, tomando a expressão de Maffesoli, como um *querer-viver-obstinado*⁴ do comunitarismo. Vocês acreditam, cada um à sua maneira, que aquilo que não sabemos ritualizar, tratar e gerir, acaba sempre por ressurgir, e de modo tanto mais violento quanto tenha sido

[3] BAUMAN, Zygmunt.

Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Trad. Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003. p. 8.

[4] MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio:** contribuição a uma sociologia da orgia. Trad. Rogério de Almeida. São Paulo: Zouk, 2005.



duro e longamente negado. Por esta razão é que vocês negam os demônios personificados, e vêem que os nossos demônios e os nossos pecados são outros: a fome a violência, a incomunicação e a morte da pluralidade.

Quando você exerce a sua condição de babalorixá, dá nome ao babalorixá sem-nome, dá identidade ao sem-rostro, traduz a fala silenciosa dos que estão no sacerdócio da periferia, nas zonas sombrias das cidades, nas roças e nos esconderijos que lhe foram concedidos como único lugar de professar a fé, a louvação aos ancestrais e aos seus deuses de “contrabando”, para usar um termo de Augras.⁵ Através da sua fala você dá voz àqueles expostos aos muxoxos, aos soslaios,

às expressões pejorativas e aos que estão sendo cotidianamente desrespeitados pelo fundamentalismo de algumas expressões religiosas.

Maffesoli nos diz que nunca se falou tanto em comunicação e nunca se organizou tanto as solidões como hoje.⁶ Por isso eu creio que esta Festa que exalta os seus setenta anos é uma ilha do bem, nos moldes do que proclama Edgar Morin⁷, e, em sendo assim, é lugar de festejar a sua existência e a existência dos demais sacerdotes de tradição afro-brasileira.

Aqui eu termino, falando em nome da invenção da vida que engana a morte, do abraço amigo, da força da palavra; em nome do nosso axé, do nosso preceito, do nosso respeito e do nosso segredo. Falo em nome

dos nossos, dos seus encantados, seus gatos e cães, suas folhas e árvores, dos seus filhos e filhas, suas equedes, seus ogãs, seus alabês, seus egbomis, seus iaôs, seus abiás. Falo também em nome daqueles filhos já ialorixás e babalorixás que multiplicam esta Casa Ijexá em outros ilês.

E como última palavra, lhe digo que você é bruxo e feiticeiro por tudo que eu disse e mais ainda, porque na idade que hoje você completa, tem a força no corpo para puxar o *xirê* e dançar até o amanhecer, e depois nos dizer, zombeteiro, “viram, eu ainda dou um caldinho!”.

Muito obrigada por habitar o que somos e nos presentear com a sua existência. Neste dia de 70 anos, neste espaço sagrado, nesta Casa do branco, neste Ilê da Paz. Okolofé.

[5] AUGRAS, Monique. **O duplo e a metamorfose**: a identidade mítica em comunidades nagô. Petrópolis. Vozes, 1992. p. ?.

[6] MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. Trad. Rogério de Almeida. São Paulo: Zouk, 2005.

[7] MORIN, Edgar. **Mis demônios**. Trad. De Manuel S. Crespo. Barcelona: Kairós, 1995.